

- [Eventos](#)
- [Exposições](#)
- [Festival](#)
- [Interior](#)
- [Livros](#)
- [Música](#)
- [Notas](#)
- [Programe-se](#)
- [Rádio](#)
- [Revistas](#)
- [Teatro](#)
- [Viagens](#)



[Home](#) » [Artigo](#), [Opinião](#)

Renúncia: o que está em jogo na Igreja Católica?

Publicado por [admin](#) - Sunday, 24 February 2013



ISMAR DE OLIVEIRA SOARES

As aparições de Bento XVI em público, antes de seu isolamento final decorrente de sua renúncia, vem provocando um singular clima emocional, como documentou, nas redes sociais, um sacerdote presente à missa de 13 de fevereiro, quarta-feira de cinzas: “A celebração foi sóbria e piedosa. No final, o cardeal Tarcísio Bertone fez um discurso de agradecimento. Logo em seguida, uma onda de aplausos incessantes tomou conta da Basílica de São Pedro. Choramos quase todos”.

Com três encíclicas, uma sobre o amor, oito mensagens sobre a cibercultura e 234 mil seguidores no Twitter (endereço @Pontifex), Bento XVI demonstra haver reunido muitos admiradores entre católicos e agnósticos. Uma admiração que vai da devoção à perplexidade, levando em conta os embates que lhe coube viver em seu curto período de ministério.

Cultivando a imagem de um papa afável, foi até mesmo capaz, em 2006, de rapidamente desanuviar uma tempestade com o mundo muçulmano, decorrente de uma aula sua, na Universidade de Ratisbona, na Baviera, retomando o diálogo, na sequência, em visita à Turquia, quando sua imagem em recolhimento, como um imã a olhar para Meca, deu a volta ao mundo. Os judeus, por outro lado, o elogiam por ter excomungado o bispo Williamson, que minimizara o sofrimento desse povo no período nazista.

A partir de sua concepção civilizatória, empenhou-se em defender o ecumenismo: a união dos cristãos de diferentes denominações seria, para o papa, o motor da recuperação da crise de identidade em que vive seu próprio continente. “O que fará a Europa sem o cristianismo?”, pergunta o papa, explicando: “As noções de justiça, liberdade e responsabilidade social cultivadas no continente, juntamente com as instituições culturais e jurídicas ali estabelecidas para defender tais ideias e as transmitir às gerações futuras, são plasmadas pela sua herança cristã”. É nesse contexto que o próprio governo britânico, que ainda sustenta um embate com o Vaticano, produzido pela rebelião às normas papais no século 16, tem sido pródigo em elogios ao papa alemão.

Bento XVI reuniu admiradores entre católicos e agnósticos, admiração que vai da devoção à perplexidade, em razão dos combates que travou



Na esfera interna do catolicismo, a renúncia foi assumida como surpresa, apesar de ter sido preanunciada. Para as autoridades eclesiais, trata-se de um testemunho exemplar, demonstrando coerência de vida. Até mesmo de um sacrifício pessoal em prol da Igreja. Dom Orlando Brantes, em artigo para a Folha de Londrina (edição de 16 de fevereiro de 2013), reforça essa linha interpretativa, lembrando a via crucis do papa ao ver sua Igreja padecer o “martírio da ridicularização”, cabendo a ele próprio, como seu chefe, assumir, exemplarmente, o “primado desse martírio”. No final de seu artigo, o arcebispo denuncia o pecado capital contra o qual o papa se imola: “Como seria bom acabar o carreirismo na sociedade e na Igreja”. A mídia brasileira vem destacando, em sua cobertura, o ineditismo do acontecido. Afinal, em 2 mil anos, apenas de sete renúncias se tem notícia, a maioria delas ocorrida entre a decadência do Império Romano e o final da Idade Média, em situações de conflitos, sendo a última a de Gregório XII, há 598 anos, em 1415. A figura de Bento XVI tem sido tratada com respeito, sendo ressaltado o desprendimento do autor, como asseverou o editorial do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (edição de 12 de fevereiro de 2013), ao afirmar: “Bento XVI sai com o rótulo de conservador, mas também com a imagem de um líder pragmático, negociador e consciente de

sua missão”.

Cobertura polêmica veio, contudo, com a edição de 20 de fevereiro da revista Veja, que ilustrou sua capa com uma foto do pontífice contra a luz, estampando a manchete “O sacrifício de Bento XVI para salvar a Igreja”. O semanário qualifica o papa como homem humilde, que com seu gesto estaria revertendo sua fragilidade física em força moral, capaz de denunciar a “impenetrável e ardilosa burocracia do Vaticano”. Uma atitude no mínimo revolucionária de quem pretende, com seu silêncio, “livrar a vinha do Senhor das ervas daninhas”. No caso, a revista atribui ao inesperado afastamento causas semelhantes àsquelas pelas quais faliram os pontificados dos papas medievais: disputas de poder e intrigas palacianas.

A expectativa que fica é por saber que Igreja o novo papa e os fiéis esperam reconstruir. Retomar as reflexões do Concílio Vaticano II é um bom início



Essa interpretação é negada por Leonardo Boff, que teve seu livro Igreja: carisma e poder (Vozes, 1980) ajuizado pelo cardeal Joseph Ratzinger. Para ele, a comoção em torno à renúncia do papa deve ser analisada no contexto de um conflito entre perspectivas de Igreja. Em artigo para o jornal Brasil de Fato (edição de 14 de fevereiro 2013), lembra o teólogo que o embate se dá entre o modelo do “testemunho”, pelo qual a instituição distancia-se do mundo para iluminá-lo com sua doutrina e seus exemplos (daí a gravidade dos escândalos vividos pela Igreja) versus o modelo do “diálogo”, que discute a relação do Reino (promessa de Cristo) com o Mundo (lugar do exercício da missão), produzindo, como decorrência, a expectativa de que o próximo papa se una ao mais humilde dos fiéis, para salvar o futuro da Criação, incluindo a Mãe Terra e a própria vida em perigo de extinção. No caso, segundo o escritor, somente o modelo do diálogo permitirá à instituição superar sua fragilidade atual. Entendemos que a cobertura da mídia e as interpretações dos especialistas, elaboradas no calor da hora, merecem registros que possibilitem que sejam revisitadas, no devido tempo, pelo crivo da história, da sociologia ou da teologia. Quanto aos efeitos da renúncia, não há como garantir que o novo papa seja capaz de reverter tão rapidamente o quadro desenhado por Bento XVI. O melhor é ficar com as palavras do papa, simplesmente assim: “Tenho idade. Estou cansado. Preciso retirar-me”. No caso, a expectativa que fica não é a de saber de que continente ou país virá o cardeal que o substituirá, mas que Igreja ele e seus fiéis esperam reconstruir. Retomar as reflexões propostas, há exatos 50 anos, pelo Concílio Vaticano II, poderia ser um bom reinício de caminho.

Ismar de Oliveira Soares é professor titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP e membro, de 2001 a 2009, do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais.

Capa desta edição



[Edições anteriores](#)

Editorias

- [Ciência](#)
- [Comunidade](#)
 - [Notas](#)
- [Cultura](#)
- [Edição](#)
 - [1000 \(03 a 09.06.2013\)](#)
 - [1001 \(10 a 16.06.2013\)](#)
 - [1002 \(17 a 23.06.2013\)](#)
 - [1003 \(24 a 30.06.2013\)](#)
 - [1004 \(01 a 07.07.2013\)](#)
 - [1005 \(22 a 28.07.2013\)](#)
 - [1006 \(05 a 11.08.2013\)](#)
 - [1007 \(12 a 18.08.2013\)](#)
 - [1008 \(19 a 25.08.2013\)](#)
 - [1009 \(26 a 01.09.2013\)](#)
 - [1010 \(02 a 08.09.2013\)](#)
 - [1011 \(09 a 15.09.2015\)](#)